

FERNANDO CARRIL

DO RISO AO LIVRO, ALGUMAS PIRUETAS
Contribuições dos palhaços em programas de estímulo à leitura:
São Paulo, Osasco, Quijingue e Medellín

Trabalho de conclusão do Curso de
Especialização (lato sensu) em Gestão de Projetos
Culturais, produzido sob orientação do Prof. Dr.
Silas Nogueira.

Universidade de São Paulo - Escola de Comunicações e Artes
CELACC - Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação
2014

DO RISO AO LIVRO, ALGUMAS PIRUETAS
Contribuições dos palhaços em programas de estímulo à leitura em
São Paulo, Osasco, Quijingue e Medellín

Fernando Carril¹

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi investigar a participação de palhaços profissionais em programas de estímulo à leitura. O estudo foi realizado de forma qualitativa, com dados colhidos por observação e entrevistas e avaliados pelo método análise de conteúdo. Houve uma etapa empírica para verificar a atividade em uma nova biblioteca, conduzida pela abordagem etnográfica. Os resultados apontam que o trabalho dos palhaços, alheio ao campo educacional, contribui de forma complementar ao ensino e à recepção de informação.

Palavras-chave: Leitura. Palhaço. Biblioteca. Circo. Informação.

Resúmen

El objetivo de esta investigación fue investigar la participación de payasos profesionales en programas de fomento de la lectura. El estudio se relizo de manera cualitativa, con los datos recogidos a través de la observación y las entrevistas y evaluadas por el método de análisis de contenido. Hubo una etapa empírica para testar la actividad en una nueva biblioteca, realizada por el enfoque etnográfico. Los resultados muestran que el trabajo de los payasos, ajeno al ámbito de la educación, ayuda a complementar la enseñanza y la recepción de información.

Palabras clave: Lectura. Payaso. Biblioteca. Circo. Información.

Abstract

The objective of this research was to investigate the action of professional clowns in programs to stimulate reading interest. The study was conducted in a qualitative way, with data collected through observation and interviews and evaluated by the method of content analysis. There was an empirical step to check the activity in a new library, conducted by the ethnographic approach. The results showed that the work of clowns don't concern to the educational field, but helps, in a complementary way, teaching and receiving information.

Keywords: Reading. Clown. Library. Circus. Information.

¹Palhaço e ator formado na SP Escola de Teatro e graduado em Processos Gerenciais pela Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP). E-mail: fernando@carril.com.br. Orientado por Silas Nogueira, Professor Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: solsing@uol.com.br.

Sumário

1. Livros mudam o mundo?	4
2. Recursos e espaços para leitura	5
3. O circo chegou	6
4. Práticas e teorias	7
5. A pesquisa	13
6. Nariz vermelho no sertão	15
7. <i>Una política</i> de Estado	18
8. Considerações finais	19
9. Referências bibliográficas	20
10. Webgrafia	22

1. Livros mudam o mundo?

O brasileiro pouco lê e muito assiste. Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em média o brasileiro passa diariamente 2h35 em frente à TV e apenas seis minutos com livros. Entre 10 e 24 anos, a parcela cai para três minutos. O índice de leitura situa-se abaixo de um único exemplar por ano quando se excluem volumes religiosos e didáticos (O GLOBO, 2013). No país, 13,2 milhões de pessoas não sabem ler e escrever, ou seja, a taxa de analfabetismo atinge 8,7% da população (IBGE, 2013). Isso impacta, por exemplo, a média nacional de visitação às bibliotecas, estimada em 19 pessoas por dia útil. (BIBLIOO, 2014).

Se por um lado a leitura ocupa espaço central na cultura do ocidente, com presença reconhecida pela convenção das letras do alfabeto romano e bibliotecas de clássicos, por outro também é preciso lembrar as palavras do poeta Mario Quintana (1966: p. 57): “Os livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas”. Na visão do educador Paulo Freire (2006: p. 11), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Conhecer pode dispensar o ler, como mostram relatos contemporâneos sobre astronomia a olho nu da etnia *dogon*, comunidade africana “griot”, com base em memórias e transmissão oral entre o Mali e Burkina Faso. (BARBOZA, 2011: p. 55).

Entretanto, a palavra escrita tem poder de promover valores ou marginalizar saberes nas sociedades de classes. Apesar do questionamento sobre hierarquias e limites culturais, iniciado há mais de 60 anos, ainda se manifestam as disputas simbólicas para distinção social, sendo um dos marcos a elitização das letras (WILLIANS, 2000: p. 100). Compreender o código gráfico torna-se peça de controle e submissão civil, na medida em que o baixo índice de leitura colabora para a manutenção de desigualdades

informacionais e, portanto, de oportunidades sociais e econômicas. O pesquisador Sérgio Miceli afirmou em seminário:

A falta de domínio acaba por formar uma prática humilhante, de ver o outro como inferior, condição que acaba sendo aceita e até reconhecida pelo humilhado e não dominante do sistema. A cultura legitimada pelos donos do repertório forma um capital de conhecimentos de base distintiva, que se diferencia da separação por classe, categoria ou renda (MICELI, 2014).

2. Recursos e espaços para leitura

No ensino brasileiro não faltam investimentos em programas oficiais de aquisição e distribuição de livros didáticos. Em 2011, somente o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) aplicou cerca de um bilhão de reais em benefício dos 37 milhões de alunos de escolas públicas de ensino fundamental e médio. Na cidade de São Paulo, o desafio não parece estar no acesso a exemplares. É possível adquirir obras em computadores e tabletas eletrônicas, livrarias, bancas, supermercados, sebos, eventos com autores, Bienal do Livro e outras celebrações. Além disso, a metrópole dispõe de espaços franqueados como pontos e bosques de leitura, saraus, feiras de trocas, 52 bibliotecas públicas e inúmeras universitárias e comunitárias. No caso destes tradicionais centros dedicados à guarda e circulação dos livros, observam-se barreiras aos seus potenciais leitores: deslocamentos até as instalações, protocolos para entrar e sair, exigências de comprovantes e documentos de identidade, condutas para admissão, agendamento para consulta ou empréstimo e um ambiente de silêncio por vezes intimidador aos interessados em literatura em seu tempo livre.

Sobre lazer, a pesquisa “Públicos de Cultura” (SESC, 2013) aponta que, se excluídas as opções *ver TV*, *shopping*, *religião* e *cuidados pessoais*, as atividades *assistir a filmes* e *dançar* situam-se entre as preferidas dos brasileiros. Logo em seguida,

o estudo exhibe uma sequência inusitada de interesses. Perguntados sobre quais atividades culturais escolheram realizar no último ano, 69% da amostra respondeu "ler um livro por lazer, sem ser de trabalho ou estudo, em casa ou outros locais" e surpreendentes 72% dos entrevistados citaram "ir a um circo tradicional, com lona e picadeiro".

3. O circo chegou

A história dessa modalidade no Brasil começa no século XVIII, com ciganos percorrendo povoados distantes atrás das festas religiosas; segue com a visita de grandes companhias estrangeiras atraídas pelos ciclos econômicos da borracha e do café e a formação das primeiras trupes nacionais ainda no Império, de acordo com o historiador Mário Bolognesi (2003: p. 46). Nos espetáculos circenses, gravitando entre a virtuosidade e o fracasso, quem se sobressai é o palhaço. "Nascida com o propósito de satirizar números sérios do picadeiro, a comicidade vai aos poucos tomando lugar de destaque no espetáculo" (BOLOGNESI, 2003: p.13). O humor vem de longe: o mundo grego do século V a.C. atribuía o nascimento dos deuses "ao riso da divindade soberana" (MINOIS, 2003: p. 23). Ao longo do tempo surgem inúmeras figuras e termos para definir esses seres jocosos. Sobre essa polissemia, Alice Viveiros de Castro, conselheira do Ministério da Cultura, afirmou:

É tudo cômico! Bufão, palhaço, merryman, grotesco, clown... O importante para o nosso estudo é perceber que, nesse "novo" tipo de espetáculo que surge na Inglaterra e logo, logo toma conta de toda a Europa e das Américas, o cômico vai assumir um papel preponderante e se desenvolver em múltiplas formas, mas mantendo uma identidade clara e indiscutível. Surge o palhaço de circo. O sábio bobo, o bobo esperto, o tonto, o astuto, o astuto tonto... tudo junto e coerente na sua incoerência intrínseca. (CASTRO, 2005: p. 55).

Representantes do ridículo, esses burlescos agiram na subversão e desconstrução causada pelo sorriso em variadas épocas e civilizações. Mas por que têm sido vistos em ações de formação de leitura? Este estudo propõe-se a avaliar as conexões desse fenômeno observado nas regiões vizinhas de São Paulo e Osasco.

4. Práticas e teorias

Manhã de primavera de 2013, terça-feira de sol. O grupo Forças Amadas (nesse dia com *Brigiti Bordô* e *Adão*, “o primeiro homem!”) pede licença às professoras para falar com estudantes de uma escola pública de ensino fundamental situada na periferia de Osasco. Passam por todas as classes para anunciar a chegada, em breve, de certo baú “cheio de tesouros e *tesouras*, com histórias de princesas e príncipes, aventuras e fantasmas (...)”. Trata-se do caminhão BiblioSesc, iniciativa volante do Serviço Social do Comércio (Sesc). A mesma cidade chamou o anão *Toni Tonelada*, estrela do Circo Show, como mestre de cerimônias para os 50 mil visitantes da 4ª Feira do Livro deste ano. Na capital, *Antonico* e *Piaçava*, do Circo de Trapo, apresentam narrativas infantis no Ônibus-Biblioteca (implantado por Mario de Andrade em 1936) e ensaiam a peça “Pandolfo Bereba”, programada para outras bibliotecas da rede municipal. Há dois anos os “besteirológicos” *Jacinto* e *Sandoval*, Doutores da Alegria, foram convidados a realizar intervenções incidentais e musicais ao longo da festa de aniversário da exemplar Biblioteca de São Paulo. *Chorume* e sua turma lançaram o projeto da Biblioteca Parque Villa-Lobos em 2014.

Fotografia 1 – Forças Amadas na publicação do ônibus-biblioteca



Fotografia tirada em 2013 por autor desconhecido, direitos Prefeitura de São Paulo.
Disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/noticias/?p=12288>>.
Acesso em 03/06/2014.

Fotografia 2 – Jacinto e Sandoval no aniversário da BSP



Fotografia tirada em 2012 por autor desconhecido, direitos Biblioteca de São Paulo.
Disponível em: <<http://bibliotecadesaopaulo.org.br/2012/02/10/aniversario-da-biblioteca/>>.
Acesso em 01/06/2014.

Fotografia 3 – Turma do Chorume no lançamento da Biblioteca Parque Villa-Lobos



Fotografia tirada em 2014 por autor desconhecido, direitos SP Leituras.
Disponível em: <<http://bibliotecadesaopaulo.org.br/2014/03/31/nova-biblioteca-parque-villa-lobos/>>.
Acesso em 14/06/2014.

Em consultas com artistas cênicos e especialistas em educação, apareceram diversas respostas sobre as contribuições dos palhaços em programas de estímulo à leitura. "Nenhuma, isso é para professoras e coordenadoras!", ironizou o ator Tony Lúcio (*Toni Tonelada*), dentro do circo montado na Feira do Livro de Osasco. Experiente e divertido, o apresentador trilha o repertório tradicional e prefere evitar menções à leitura enquanto brinca com centenas de crianças a cada sessão. (Entrevista concedida em 29/05/2014).

Para Priscila Jácomo (*Brigitte Bordô*) “o palhaço vai onde os outros não conseguem entrar”, ao se referir a resistência à presença oficial ou de estranhos nas comunidades paulistanas onde atuaram entre 2012 e 2013: Vila da Paz (Zona Sul), Jardim Pantanal (Zona Leste) e Jardim Damasceno (Zona Norte), entre outras. “O trabalho chama a atenção das crianças para conhecerem a biblioteca móvel. Por meio de histórias e serenatas, tentamos ganhar a confiança nos bares, escolas, ruas”. Segundo Jácomo, a atividade inspira-se na atriz Vic Militelo, que viajava com espetáculos de circo nas periferias brasileiras nos anos 50. Na ocasião, o convite ao público era construído aos poucos, com esquetes de comédias clássicas montadas em praças. Na semana seguinte realizavam breves apresentações de melodramas e, por fim, tragédias gregas. (Entrevista concedida em 03/06/2014)

Na visão de André Oliveira, secretário executivo da Liga Brasileira de Editoras Independentes (Libre) e um dos organizadores da Feira do Livro de Osasco, o palhaço permite “a mudança no cotidiano da criança, que sai da dinâmica escolar para viver uma experiência lúdica”. Segundo Oliveira, a figura do clown atrai a atenção, brinca com a imaginação e ajuda os estudantes a decidir, de forma autônoma, quais livros levarão para casa. O espaço destinado ao circo neste evento se repete há quatro edições e a previsão é dobrar de tamanho em 2015. (Entrevista concedida em 29/05/2014).

Essa percepção é compartilhada pelo Professor Dr. Marco Antônio Bortoleto, (Faculdade de Educação Física da Unicamp), que durante o Festival Internacional Sesc de Circo afirmou “nem médicos, professores ou bombeiros... mas os palhaços são os mestres em entrar no universo da fantasia”. (Entrevista concedida em 27/05/2014).

O conhecimento relativo à *leitura e palhaços* ainda não está organizado em estudos específicos, com abordagens históricas e repertórios compilados, mas as referências existentes sobre esses elementos abrem possibilidades para desvelar problemas e traçar intersecções.

Para dimensionar o alcance do trabalho do palhaço na atualidade, um ponto de partida está em olhar para dentro da lona. Seu papel no chamado *maior espetáculo da terra* é inversamente proporcional ao tamanho da estrutura armada - quando maior, menor o espaço desse artista. “Os circos médios e os pequenos têm no palhaço sua grande força motriz, com atuações em entradas, reprises, quadros cômicos e encenações teatrais diversas.” (BOLOGNESI, 2003: p.12). Desde os anos 80, a função cômica vem sendo eliminada em algumas montagens dos representantes do movimento “cirque nouveau”, como os canadenses do Cirque du Soleil, dedicados a combinar virtuosismo, música, dança, iluminação, figurinos originais e impedir números com animais amestrados (CIRCUSNET, 2007).

Fora da tenda, assim como a cultura letrada, o humor também precisa ser questionado. Seria uma forma de expressão para responder, com graça, aos desconcertos do mundo ou instrumento banal de preconceito, desprezo tradicionalista e manutenção conservadora do *status quo*, como observado no documentário *O riso dos outros* (ARANTES, 2012)? Os limites da criação são livres, dependem da ética do artista e do alvo escolhido, mas o riso nunca é neutro e gratuito. “Pode ser transgressor ou opressor.

O riso liberta e reprime. Tudo depende do momento e de como e quem o provoca e para quem, com quem e de quem se ri”. (CASTRO, 2005: p. 256).

Mais importante que a piada deve ser o vínculo estabelecido com as pessoas. Como se ensina nos cursos de clown na cidade de São Paulo, a condição essencial está em viver o “aqui e agora”, isto é, buscar cumplicidade, a troca “olho no olho” e os possíveis jogos resultantes do encontro. A graça se justifica não como finalidade ou pedagogia (ROSA, 2001: p. 57), mas como estado para deixar a criatividade se estabelecer e abrir novas possibilidades de relação.

Quando o assunto é brincar, palhaços contam com diversas técnicas: paródia que satiriza algo conhecido da plateia, hipérbole com caráter metalinguístico, esquetes sobre limites físicos ou morais, improvisos com o espaço cênico, ingredientes pessoais e subjetivos (olhar estrábico, nariz grande, voz fina) ou apresentação de alguma habilidade pessoal para em seguida desconstruir essa perícia. Mas, para funcionar, o clown precisa de “anterioridade” (BOLOGNESI, 2003: p. 69-70), ou seja, dominar previamente uma técnica ou assunto a ser tratado, valorizar a palavra, o gestual e reconhecer que, em cena, todos os elementos ganham significado e definem quadros ou personalidades.

A pedagoga Sanny Rosa rebate as definições de *brincar* no dicionário, como “entreter”, “distrair” e “não levar a sério” (AULETE, 2011: p. 92). Para Rosa, o lúdico não deve ser exercido simplesmente “como uma atividade, mas muito mais como uma qualidade de experiência” (2001: p. 60). Essa possibilidade adicional de se relacionar está condicionada a parceria, confiança, dedicação às atividades estabelecidas ou que aparecerem, mesmo com as diferenças de posição pela autoridade do mestre percebida pelos alunos.

Em oposição aos professores, o palhaço se situa mais próximo ao espírito libertário dos anarquistas, em uma espécie de “pedagogia libertária” (LIPIANSKY, 1999: p. 7), ou seja, sem psicologismo ou dogmas. Enquanto o ator representa - vive um papel, o bobo vive o momento na externalidade do ser, acima do campo moral e das convenções, crenças e costumes, para alcançar diferentes classes sociais, gêneros e idades. Ao ver o mundo com ótica invertida e irreverente, pode transformar situações com o público e até mesmo ensinar, a partir de exemplos e contraexemplos, mesmo não sendo um educador.

A hipótese do construir uma relação de humor cúmplice pode ajudar a responder a pergunta “[...] por que as campanhas de incentivo à leitura são feitas só com livros e tantas bibliotecas incluem somente impressos em papel? [...]” (CANCLINI, 2008: p. 56). As diversas possibilidades de recriar textos em contexto prazeroso permitem a uma plateia passiva virar público, participar da produção dos discursos e narrativas e ampliar seu conhecimento, com mais autonomia no disputado conceito de Cultura.

Em sentido amplo, Cultura é o campo simbólico e material das atividades humanas, estudadas pela etnografia, etnologia, além da filosofia. Em sentido restrito, isto é, articulada à divisão social do trabalho, tende a identificar-se com a posse de conhecimentos, habilidades e gostos específicos, com privilégios de classe, e leva à distinção entre cultos e incultos de onde partirá a diferença entre cultura letrada-erudita e cultura popular. (CHAUÍ, 1985: p. 14)

Se a Cultura, em sentido restrito, pode excluir e reforçar diferenças, como aproximar leitores em aspecto amplo das letras tidas como eruditas e a cultura popular como “expressão dos dominados” (CHAUÍ, 1985: p.24)? Sob a visão gramscianiana, a intervenção no cotidiano faz do palhaço um intelectual orgânico entre “dominados”? A presença deste cronista ridículo estimula suas testemunhas a prestar atenção em algo que está na iminência de acontecer e cria condições afetivas (pois ninguém é obrigado a ver) para uma ação se estabelecer até o desfecho. Se o encontro servir apenas para a

apresentação “burocrática” de um número rotineiro, o resultado talvez venha em sorrisos condescendentes, gargalhadas cruéis ou constrangimentos amarelados. Entretanto, se a prática inspirar-se em escrever uma narrativa com o público, permitindo a construção de cena "porosa", de conversas e escutas ativas, com trocas reais de informações e inclusão do contexto local, um olhar crítico à hegemonia por meio de criações artísticas e identificáveis dos problemas; essa participação permitirá reflexões potentes na forma de risos cúmplices e respiros para novos pontos de vista.

Diferente do intelectual tradicional (cientista formado na Academia) ou do bufão teatral (crítico visceral das deformações e vícios sociais, como o artista italiano Leo Bassi, fundador e papa da *Igreja Patológica*), o palhaço cumpre seu papel político quando se arrisca a transformar significados em absurdo consensual, legitimado pelo sorriso daquele instante vivido "entre" o palco e a plateia.

5. A pesquisa

O estudo de gestão de processos culturais e comicidade cênica permite perceber as possibilidades comunicativas na articulação entre leitura e humor, como a construção de diálogos e significados, desde que livres de ritos e etiquetas repressoras. Sobre possíveis codificações e decodificações, aborda Stuart Hall (2003, p. 366): “O próprio texto que (o meio) codifica escapa de suas mãos. Sempre se consegue lê-lo de outra forma.” A obra transcende o escrito e os saberes assimilados podem ser promovidos para além das cadeias tradicionais de produção e distribuição, próximos aos receptores, que modulam e devolvem novos conteúdos, de acordo com suas circunstâncias, situações culturais e meios comunicativos. Se houver graça, melhor.

Para pesquisar as relações entre livros e palhaços, este estudo foi dividido em etapas. Em primeiro lugar, reuniram-se informações bibliográficas e webgráficas sobre “clown”, “leitura” e “brincar”, a fim de mapear ações e conceituar as diferentes visões teóricas. Em seguida, foram coletados dados qualitativos por observação na área investigada entre São Paulo e Osasco e por entrevistas semiestruturadas com profissionais do humor e de ensino de ambos os sexos, com análise dialética de conteúdo.

Ao longo de 12 meses, os educadores citados foram perguntados: “Palhaços contribuem em programas de leitura?”. Por outro lado, coube aos artistas responder sobre seu histórico de trabalho com livros para crianças e jovens e também se realizavam leituras de obras caracterizados como clowns. Além disso, ambos os grupos tinham espaço para comentar algo ou acrescentar observações pessoais.

Esta pesquisa optou por não entrevistar os públicos atendidos por conta do caráter heterogêneo dos programas visitados, o que pode servir como base para futuras investigações.

O pesquisador, familiarizado com essa linguagem artística por formação e prática, realizou trabalho de campo intensivo para explorar a atividade proposta no estudo em uma biblioteca no interior da Bahia, com cuidados de separar observação e ação, em função das diretrizes da abordagem etnográfica do antropólogo Bronislaw Malinowski (1978, p. 18):

“... um trabalho etnográfico só terá valor científico irrefutável se nos permitir distinguir claramente de um lado, os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas e, de outro, as inferências do autor, baseadas em seu próprio bom-senso e intuição psicológica.

(...) Na etnografia, o autor é, ao mesmo tempo, o seu próprio cronista e historiador; suas fontes de informação são, indubitavelmente, bastante acessíveis, mas também extremamente enganosas e complexas; não estão incorporadas a documentos materiais fixos, mas sim ao comportamento e memória de seres humanos”.

6. Nariz vermelho no sertão

Inaugurada em 23 de julho de 2014, a Biblioteca Comunitária de Lagoa da Barra localiza-se na área rural de Quijingue, próxima a Canudos de Antônio Conselheiro e distante 362 km de Salvador. Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), esse município apresenta o segundo pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Estado da Bahia. A iniciativa de leitura partiu da sul-coreana Jeong Amanda Lee, voluntária da ONG Humanas do Brasil, preocupada com as reduzidas opções de lazer e perspectivas da infância no povoado. Sem recursos para montar o acervo, contou com a liderança em São Paulo de Lincoln Paiva, fundador do Instituto Mobilidade Verde, para coordenar doações, metodologia e parcerias com a Fundação Pedro Calmon (Governo da Bahia), Translig/Bicicloteca e a prefeitura quijinguesa, entre outros.

O autor da pesquisa visitou a caatinga para acompanhar a entrega e novo uso do imóvel que antes abrigava uma unidade do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), ligado ao Ministério do Trabalho e Emprego. Segundo o IBGE, o Brasil ainda tem 3,7 milhões de crianças e jovens de 5 a 17 anos envolvidos em atividades domésticas, informais (urbana ou rural), ilícitas ou de exploração sexual (G1, 2013).

O primeiro dia, véspera da abertura, serviu para conhecer a zona urbana da cidade, a escola no campo, o prédio recém-reformado do PETI, as equipes envolvidas na montagem do acervo de mais de 2.000 obras e habitantes da comunidade.

A manhã seguinte foi dedicada a ouvir as crianças e conhecer seus hábitos, repertório e imaginário, ainda sem estar caracterizado como palhaço. Por meio de jogos teatrais para ativar a conexão entre pessoas (“mãe da rua” e “roda de zap”) descobriu que, além do desejo quase unânime de *videogame* entre as crianças entre seis a nove

anos, havia também o interesse em jogos de palavras com piadas e charadas. Na parte da tarde, o autor da pesquisa vestiu seu figurino e colocou nariz vermelho para realizar uma intervenção na forma de cortejo. Andou da escola até o “novo” prédio para comunicar a mudança de nome do edifício *Garrafa Pet* (paródia criada com a sigla PETI) para Biblioteca de Lagoa da Barra. Na ocasião, decidiu usar como instrumento um peixe de pano, atado a uma vara de pescar, chamariz e metonímia *ridícula* para homenagear o povoado. Na outra mão, um livro de piadas e charadas a ser doado ao fim da caminhada. Ainda como clown, participou em seguida de atividades como “desenhe desejos e belezas”, comeu doces distribuídos pela bibliotecária na abertura e falou sobre as novas instalações em cerimônia organizada pela sociedade local.

O período da noite serviu para observação, já sem a menor máscara do mundo, dos festejos e apresentações locais, como quadrilha e forró, além da participação em um culto religioso. O pastor João Batista, ex-guerrilheiro paulista reconhecidamente perseguido pela ditadura de 1964, agradeceu aos envolvidos no projeto, legitimou a “boa nova” e passou a palavra aos moradores e visitantes, antes de completar a cerimônia. Neste caso, Sérgio Miceli comenta a necessidade levar em conta o que concorre com o tempo do “consumidor de cultura” e a prática *religião* representa ponto importante de mediação social, atividade cultural e potencial aliado na transformação social (SESC, 2013).

Ainda não houve tempo para afirmar que houve alteração efetiva de hábitos de leitura em Lagoa da Barra, porém, em relação à implantação de projeto cultural com apoio de palhaço, a descoberta do estudo foi a adesão facilitada às atividades propostas pelo autor, o respeito pelo clown e seus adereços - aquele peixe de pano acabou integrado à entrada da Biblioteca. A receptividade foi duradoura, sendo o autor saudado por adultos e abordado por crianças mesmo horas após a retirada da própria maquiagem.

Fotografia 4 – Equipe prepara Biblioteca Comunitária de Lagoa da Barra



Fotografia 5 – Autor da pesquisa conversa com crianças do povoado



Fotografia 6 – Autor da pesquisa apresenta livro com piadas e charadas



Fotografias tiradas em 2014 por autor desconhecido, direitos ONG Humanas do Brasil.
Disponível em: <<http://www.carril.com.br/2014/07/em-23-de-julho-nasceu-uma-biblioteca.html>>.
Acesso em 23/08/2014.

7. Una política de Estado

A colombiana Medellín promove desde 2007 a Fiesta del Libro y la Cultura, celebração anual assegurada pela Política Pública de Lectura y Escritura. Além de acesso a obras, atividades e mesas-redondas durante 12 dias nos espaços verdes do Jardim Botânico, há oito edições a organização proporciona uma atração extra ao grande evento. Montado sob várias tendas com cenografia esmerada, o *Bibliocirco* convida educadores e artistas virtuosos a apresentar exposições, mediações de leitura e atividades circenses inspiradas em clássicos de escritores homenageados (Júlio Verne e Irmãos Grimm, por exemplo), sem deixar de dedicar o maior tempo e espaço à experiência direta de ler. Segundo Luis Bernardo Yepes Osorio, um dos responsáveis pelo formato e chefe do Departamento de Bibliotecas da Comfenalco (caixa de fomento social), foi criado um lugar de afeto para aproximar crianças da leitura como uma “recreação e não uma tortura”. E complementa: “O ideal é que cada um possa ser o que desejar, inclusive um leitor”. (Entrevista concedida em 11/09/2013). O resultado é visível nas extensas filas e grande participação popular durante todo o evento.

Além de rede pró-livro e bibliotecas, a Colômbia também se ocupa com o circo. Felicity Simpson, fundadora da companhia Circolombia, informou que a modalidade é ensinada em escolas especializadas com missões diversas entre as principais cidades do país. A capital Bogotá dedica-se ao circo-social e a pesquisa teórica. Em Cali, o foco está em formar profissionais de nível internacional em acrobacias e números aéreos. Por fim, Medellín especializou-se em trabalhar o repertório e a técnica dos palhaços, inclusive na Universidade de Antioquia. (Entrevista concedida em 26/05/2014).

8. Considerações finais

Agentes de saúde apontam benefícios em hospitais pela presença humanizadora dos Doutores da Alegria, especialistas em “besteirologia” há mais de 25 anos (SENA, 2011: p.6). O tratamento pelo riso é reconhecido desde o grego Hipócrates, considerado pai da Medicina. (XAVIER, 1997: p.217).

Em paralelo, o presente estudo constata que o trabalho de palhaços em programas de estímulo à leitura pode possibilitar contribuições (*abaixo*), desde que supere a recreação infantil simplista, não se limite à paródia do educador e crie relações de confiança. O clown também precisa observar os direitos do leitor, reunidos pelo escritor Daniel Pennac (2008): “não ler”, “pular páginas”, “não terminar” e “se calar”, entre outros.

Pelo caráter transgressor, o profissional da bobagem tem condições de complementar o ensino, ofertando contrapontos à autoridade pedagógica, leituras obrigatórias e programas escolares. Seus efeitos indutores geram subsídios para a abertura de novos espaços de diálogo e reflexão, com vistas a diminuir as distâncias informacionais e ampliar repertórios. Obras ativadas com humor, em vários graus de leveza, crítica e subversão, evidenciam limites psicológicos e sociais, criam novos sentidos a quem assiste e/ou participa das apresentações lúdicas.

As maiores colaborações se encontram em facilitar, de modo simples, o contato das histórias impressas com os saberes existentes e também os criados no momento do encontro, por meio de escuta sem cerimônia, fetiche ou barreiras de espaços tradicionais, catalisando a imaginação e a fantasia com autonomia, respeito e responsabilidade. Assim como o riso, escolhas afetivas de leitura não se impõem ao *respeitável público*.

9. Referências Bibliográficas

BARBOZA, J. J. Pensar a Destramatização a partir de uma Aliança. **Revista aParte XXI**, São Paulo, nº 4, p. 48-61, 2º sem. 2011.

BOLOGNESI, Mário Fernando. **Palhaços**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. Trad. Ana Regina Lessa e Heloisa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2013.

_____. **Leitores, espectadores e internautas**. Trad. Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CASTRO, Alice Viveiros de. **Elogio da bobagem, palhaços no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Alternativas metodológicas para a produção científica**. São Paulo: CELACC-ECA/USP, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Claudia Álvares, Francisco Rudiger, Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

INÁCIO, Rita de Cássia Bonadio. **A trajetória histórica da biblioteca móvel pública nos Estados Unidos, na Espanha e no Brasil: uma análise sobre o "ônibus-Biblioteca" do Sistema Municipal de Bibliotecas de São Paulo e as perspectivas para o futuro desse serviço de biblioteca na Era da Informação.** / Rita de Cássia Bonadio Inácio. - São Paulo: [S.N], 2011.

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2011.

LIPIANSKY, Edmond-Marc. **A Pedagogia Libertária**. São Paulo: Nu-Sol, Editora Imaginário e Soma, 1999.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MICELI, Sérgio. **Seminário "Públicos de Cultura: Hábitos e Demandas"**, realizado na unidade Sesc Pinheiros em São Paulo em 9 de abril de 2014.

OSORIO, Luis Bernardo Yepes. **No soy un gángster, soy un promotor de lectura**. Bogotá: Panamericana Editorial, 2013.

PEDRO, Adriana Moreira. **A leitura de livros no Brasil e as novas tecnologias para leitura**. São Paulo: CELACC-ECA/USP, 2013.

PENNAC, Daniel. **Como um Romance**. Tradução Leny Werneck. Porto Alegre: L&PM, 2008.

QUINTANA, Mario. **Antologia poética**. Seleção de Rubem Braga e Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.

ROSA, Sanny S. da. **Brincar, Conhecer, Ensinar**. São Paulo: Cortez, 2001.

SENA, Antônio Geraldo Gonçalves. **Doutores da Alegria e profissionais da saúde: o palhaço de hospital na percepção de quem cuida**. / Antônio Geraldo Gonçalves Sena. - Belo Horizonte: 2011.

Orientadora: Maria José Menezes Brito. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem, 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

10. Webgrafia

Arantes, Pedro. **O Riso dos Outros**. Brasília, 2012. (52 min), color. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=uVyKY_qgd54>. Acesso em 04/08/2014.

Bassi, Leo. **O bufão na Virada Cultural**. São Paulo, 2013. (8 min), color. Disponível

em: <http://www.youtube.com/watch?v=TqOtVEKX_j4>. Acesso em 09/08/2014.

Biblioteca de São Paulo. **Aniversário da BSP**. Disponível em:

<<http://bibliotecadesaopaulo.org.br/2014/02/03/dia-8-e-aniversario-da-bsp/>>.

Acesso em 03/08/2014.

Biblioteca de São Paulo. **Lançamento de Projeto no Villa Lobos**. Disponível em:

<<http://bibliotecadesaopaulo.org.br/2014/03/31/nova-biblioteca-parque-villa-lobos/>>.

Acesso em 03/08/2014.

Circusnet - Centre de documentation et d'archives du Cirque. **L'émergence d'un**

nouveau cirque. Disponível em: <<http://www.circusnet.info/enpiste.php?id=27>>.

Acesso em 25/08/2014.

Comfenalco. **El Bibliocirco, un espacio en la fiesta del libro para acercar a los niños a la lectura**. Medellín, 2013. (2 min), color. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=eJ4Y2HqPVVQ>>. Acesso em 03/08/2014.

Doutores da Alegria. **Conheca sobre os doutores**. Disponível em:

<<http://www.doutoresdaalegria.org.br/conheca/sobre-os-doutores/>>.

Acesso em 10/08/2014.

Forças Amadas. **Quem somos**. Disponível em: <<http://forcasamadas.wordpress.com>>.

Acesso em 03/08/2014.

G1. Trabalho infantil cai 68% em 12 anos e afeta 10,6% das crianças do mundo.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2013/09/trabalho-infantil-cai-68-em-12-anos-e-afeta-106-das-criancas-do-mundo.html>>.

Acesso em 03/08/2014.

Houaiss. **Grande Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em:

<<http://houaiss.uol.com.br>>. Acesso em 05/09/2014.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD, População)**. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=149>. Acesso em 09/08/2014.

Instituto Mobilidade Verde. **Relatório sobre a Biblioteca Comunitária de Lagoa da Barra**. Disponível em <<http://institutomobilidadeverde.wordpress.com/relatorios/>>.

Acesso em 06/08/2014.

Medellín **¿Qué es la Fiesta del Libro y las Cultura?** Disponível em:

<http://aplicaciones.medellin.co/wordpress/?page_id=513>. Acesso em 19/08/2014.

Ministério do Trabalho e Emprego. **Programa de Erradicação ao Trabalho Infantil**

(PETI). Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/delegacias/sp/peti-programa-de-erradicacao-ao-trabalho-infantil/>>. Acesso em 03/08/2014.

O Globo. **Brasileiro passa muito tempo longe dos livros**. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/economia/brasileiro-passa-muito-tempo-longe-dos-livros-9437982>>. Acesso em 04/04/2014.

ONU. **Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)** . Disponível

em <<http://www.pnud.org.br/>>. Acesso em 01/08/2014.

Revista Biblio. **Observatório do Livro e da Leitura, a pesquisa Bibliotecas e Leitura Digital no Brasil.** Disponível em: <<http://biblioo.info/blogdaredacao/wp-content/uploads/2014/04/Pesquisa-Bibliotecas-e-Leitura-Digital-no-Brasil.pdf>> Acesso em 02/08/2014.

Secretaria Municipal da Cultura de São Paulo. **Números das Bibliotecas.**

Disponível em:

<<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/index.php?p=13740>>. Acesso em 03/08/2014.

_____. **Programação das Bibliotecas.** Disponível em:

<<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/noticias/?p=15511>> Acesso em 03/08/2014.

_____. **Site do Ônibus-Biblioteca.** Disponível em:

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/onibus_bibliotecas/>. Acesso em 09/08/2014.

Senado Federal. **O livro didático, o mercado editorial e os sistemas de ensino apostilados.** Disponível em <<http://www12.senado.gov.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/textos-para-discussao/td-92-o-livro-didatico-o-mercado-editorial-e-os-sistemas-de-ensino-apostilados>>. Acesso em 23/10/2013.

SESC e Fundação Perseu Abramo. **Pesquisa Públicos de Cultura Agosto-Setembro de 2013.** Disponível em: <

<http://www.sesc.com.br/portal/site/publicosdecultura/inicio/>>. Acesso em 09/04/2014.

_____. **Site do BiblioSesc.** Disponível em:

<<http://www.sesc.com.br/portal/cultura/biblioteca/bibliosesc/bibliosesc>>. Acesso em 09/04/2014.

Vilela, Guanis de Barros Junior. **Epistemologia: Método etnográfico**. Disponível em:
<<http://www.cpaqv.org/epistemologia/metodoetnografico.pdf>>. Acesso em 26/08/2014.

Xavier, Caco. **Aids é coisa séria! - humor e saúde: análise dos cartuns inscritos na I Bienal Internacional de Humor, 1997**. Hist. cienc. saude-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, June 2001. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06/08/2014.